

09/10/97
20/9/97 8
Kulina 76

Descrentes da Funai, índios demarcam suas terras

No Norte do país, índios já são maioria dos soldados do Exército; no Batalhão de São Gabriel representam 85% dos efetivos

Chico Otavio

• Cansados dos constantes atrasos no cronograma de demarcação das terras indígenas, as tribos amazônicas decidiram fazer o trabalho por conta própria. Com dinheiro de uma instituição alemã e ajuda de satélite, os índios kulina, do Sul do Amazonas, assumiram um trabalho que caberia a empresas contratadas pela Fundação Nacional do Índio (Funai): a delimitação de uma reserva de 570 mil hectares no município de Eirunepé, a cerca de 600 quilômetros de Manaus.

Animados com o resultado, os líderes indígenas da região querem agora ampliar a experiência para outras reservas. Eles sustentam que, com domínio da tecnologia e os recursos necessários, podem fazer até melhor do que a Funai. Para o coordenador das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira, Darcy Comapa, a demarcação feita com dinheiro de instituições estrangeiras não ameaça à soberania nacional. Segundo ele, os índios estão tão preocupados quanto os brancos com o proteção das fronteiras nacionais e já são maioria dos soldados nas tropas do Exército baseadas na região.

— Para os que têm medo da demarcação, os índios soldados são um bom exemplo. Eles é que estão cuidando de nossas fronteiras — diz Darcy Comapa.

Governo demarcou menos da metade das áreas previstas

O prazo para a demarcação das terras indígenas, adverte Comapa, terminou há dois anos sem que o Governo federal tivesse executado a metade do trabalho: das 555 áreas previstas, falta demarcar 300. Para ele, se o índio já mostrou que sabe proteger as



ÍNDIO DO 5º Batalhão de Infantaria de Selva, em São Gabriel da Cachoeira, no Norte do Amazonas, atravessa rio em exercício de reconhecimento de fronteira

fronteiras, é capaz também de cuidar da demarcação.

— Não houve qualquer dificuldade no Sul do Amazonas. O índio provou que pode fazer o trabalho sozinho — sustenta Darcy.

A experiência em Eirunepé, porém, não foi um trabalho só dos índios. Para espalhar marcos e abrir picadas nos limites da reserva, os kulina contaram com a ajuda da instituição alemã Pão para o Mundo, que doou US\$ 600 mil através de um convênio com

a União das Nações Indígenas do Acre e Sul do Amazonas.

Com o dinheiro, os índios compraram equipamentos, contrataram uma equipe técnica (um engenheiro agrimensur, um topógrafo e um programador de computadores) para montar o projeto e treinaram o pessoal da comunidade. A técnica aplicada é inédita: os marcos foram fixados com base em imagens de satélite e num programa de computador. Após cinco anos de trabalho, a

demarcação foi concluída em setembro passado.

Terminado o trabalho de campo, a equipe está preparando documentos e mapas que serão submetidos à aprovação da Funai. Se o trabalho for reconhecido pelo órgão, os índios querem repeti-lo em outras áreas onde não há conflitos com posseiros e fazendeiros. Já onde a situação é crítica, querem que a Funai faça o trabalho, mas acompanhado por eles. Darcy Comapa queixa-se de em-

presas contratadas pela Funai.

— Já houve casos até de reservas minerais excluídas propositalmente das reservas — acusa.

A Ilha de Bananal, em Tocantins, e a região de Raposa-Serra do Sol, em Roraima, são lugares onde há riscos de conflito. Para Darcy Comapa, o Governo está contribuindo para agravar a situação quando não oferece uma opção para os homens brancos que estão sendo removidos das áreas já demarcadas.

— O Incra prometeu assentar os posseiros removidos da Ilha do Bananal e não honrou o compromisso. Resultado: esse pessoal está retornando às áreas demarcadas e pode entrar em choque com os índios da região — adverte ele.

Índios trocam o arco e flecha pelo fuzil nas fronteiras do país

A luta pelo território é constante na vida dos índios da Amazônia. Além dos obstáculos à demarcação de suas terras, eles passaram a ser uma peça importante para as Forças Armadas na defesa das fronteiras da Região Norte, justamente as que o Exército considera "mais ameaçadas pela cobiça estrangeira". Em São Gabriel da Cachoeira, município do Alto Rio Negro, a 860 quilômetros de Manaus, os índios já representam 85% dos soldados incorporados este ano pelo 5º Batalhão de Infantaria de Selva.

Além de recorrer ao vasto conhecimento desses recrutas sobre a vida na floresta, o Exército aproveita o convívio para incutir na cabeça dos que trocaram o arco e flecha pelo fuzil o sentimento de nacionalidade.

Recrutado este ano, o soldado Francisco Gonçalves Rodrigues, de 23 anos, é um exemplo desta estratégia. Ele orgulha-se de gritar "selva", a senha dos batalhões de fronteira, e esforça-se para ser engajado — quando o recruta é efetivado na vida militar. E o Exército também aposta no sucesso de Francisco. O soldado é filho do cacique Henrique, o chefe de uma comunidade kúbeo em Querari, na fronteira com Venezuela.

— Estamos recrutando índios porque a selva nos une. Eles têm grande conhecimento da região — diz o comandante da unidade, coronel Gimilson da Silva. ■

Domingos Peixoto